

GESTÃO PARA O LETRAMENTO NO ENSINO FUNDAMENTAL¹

Tiago Goulart da Costa²

RESUMO

O conceito de letramento, capacidade de se apropriar de um texto inteiramente, surgiu nos anos 1980, contrapondo-se ao que se entendia no Brasil por "alfabetização", decodificação de signos. Os dois conceitos, no entanto, apesar de distintos, não são devidamente dissociados, pois um reforça e enfatiza o outro. Pelo ato da leitura, somos capazes de decodificar signos linguísticos no que se refere à linguagem, mas também devemos ser levados a criar senso crítico e agir ativamente enquanto lemos. Entende-se que alguns indivíduos não conseguem fazer esse tipo de leitura, ou seja, não são letrados. Assim, vê-se que a leitura não é uma atividade passiva, mas dinâmica e extremamente ativa. O objetivo deste trabalho é, a partir da noção de letramento, descobrir e entender se e como a gestão de uma escola está aliada à prática docente, quando alunos, mais especificamente do sexto ano do ensino fundamental de uma escola da cidade do Rio de Janeiro, não alcançam o letramento.

Palavras-chave: alfabetização. ensino fundamental. gestão. leitura. letramento.

ABSTRACT

The concept of literacy as the ability to fully master a written text emerged in the 1980s, in contrast to what was known as "alfabetização" in Brazil, a mere decoding of signs. However, both concepts, in spite of being different, are not completely separated, since they reinforce and emphasize each other. By reading, we are able not only to decode linguistic signs in terms of language, but also to develop critical sense and read actively. Nevertheless, some people cannot produce this kind of reading, i.e., they are illiterate. Therefore, it is easy to see that reading is not a passive activity; rather, it is dynamic and extremely active. The goal of this article is to discover and understand, through the notion of literacy, if and how school managers are in tune with the practice of teachers, when students, more specifically from the sixth grade of a public school in Rio de Janeiro, do not achieve literacy.

Keywords: alfabetização. elementary school. literacy. school management. reading.

¹Trabalho originalmente apresentado na forma de monografia para a Universidade Estácio de Sá como requisito para conclusão da disciplina Metodologia Científica II. Orientadora: Prof^a. Silvana Ambrosoli. Niterói, 2015.

²Professor de inglês (rede pública do estado do Rio de Janeiro) e português (rede pública do município do Rio de Janeiro, atuando como diretor na rede estadual do estado do Rio de Janeiro. Formado em Letras pelo ISAT (2007). Pós-graduação em Gestão Pedagógica (inspeção, orientação, supervisão) pela UNESA (2015). TKTs e CAE de Cambridge.

AGRADECIMENTOS

Obrigado, Senhor, Deus todo-poderoso do universo, pelos dons da vida e da docência. Obrigado, também, pela força que tem me dado nestes últimos tempos, para conseguir terminar as obras que tenho começado, incluindo este artigo.

Obrigado, minha família, pela minha educação, pelos esforços que fizeram durante minha vida escolar até a faculdade, e pelo apoio motivador de sempre na pós-graduação.

Obrigado, minha esposa amada, Ana Celeste, por tudo o que és e tudo o que me fazes ser. Sem você, eu não teria chegado até onde estou, pois estaria incompleto.

Obrigado, professores, mestres, doutores, coordenadores, gestores, e colegas de trabalho, que sempre têm um pouco a ensinar e a aprender com a gente; obrigado por direcionar nossas ideias em meio ao turbilhão de nossas vidas.

Obrigado, colegas da turma de pós-graduação em gestão pedagógica, que, sempre com bom-humor e vontade, resistiam às intermináveis aulas de um dia inteiro a cada duas semanas, mas que sempre deixavam saudade na gente, fosse pelas discussões esclarecedoras, pelas risadas desconcertantes, ou pelo delicioso café.

Obrigado, meus alunos, motivo maior deste trabalho, que me ensinam tanto a ver as coisas por outro viés, e que me motivam a continuar na jornada, por mais que as dificuldades apareçam.

Por fim, obrigado a você, que um dia acreditou na minha capacidade de liderança.

*Ler fornece ao espírito materiais
para o conhecimento, mas só o
pensar faz nosso o que lemos.*
John Locke

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	18
3. GESTÃO PARA O LETRAMENTO	21
4. A PESQUISA: ENTREVISTAS	23
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	28
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
7. REFERÊNCIAS	32

1. INTRODUÇÃO

A leitura, uma forma de comunicação em linguagem escrita, é uma “atividade de interação entre sujeitos e supõe muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos”. (ANTUNES, 2003, p. 67). Martins (apud SILVA, 2000, p. 32) afirma que através da leitura pode-se chegar à aprendizagem e à obtenção de cultura e de experiências. Um texto pode passar adiante informações necessárias a um determinado procedimento – como a leitura e a integral compreensão de um manual técnico para a instalação e utilização de um aparelho eletrônico, ou a resolução de um caso presente em uma história de ficção científica – e conseqüentemente modificar o pensamento do leitor quanto ao assunto do texto.

O ato de ler pode ter suma importância para que um ser humano consiga compreender os fatos que ocorrem ao seu redor. Freire (2009, p. 15) afirma que sua leitura de mundo o ajudou a se inserir na leitura de palavras; isto é, a concepção ideológica que ele tinha de mundo (ORLANDI, 2000) estava representada nos textos que lia, e isso o ajudava, também, na compreensão do que lia. Portanto, a aprendizagem da leitura está diretamente ligada “ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural”. (MARTINS, 1992, p. 22). Logo, é de extrema importância não só estudar o processo que leva o indivíduo a chegar ao letramento, mas também como ajudá-lo quando ele não consegue chegar lá.

Segundo Orlandi (2000), há vários níveis em que se pode tomar a leitura. Reforçando isso, de acordo com Martins (1992, p. 36), os aspectos do ato de ler se interligam à essência do homem, embora este homem não se ponha a refletir sobre tal atividade em alguns casos. Não obstante, a referida autora afirma que, se o leitor

refletir sobre a leitura em si, encontrará três níveis em que o ato de ler se divide: *sensorial, emocional e racional*.

Os conceitos de leitura sensorial e emocional buscam enquadrar as preferências de leitura e cada um, despertando através dos sentidos as emoções que mais apeteçam ao leitor. Porém, o último conceito, mais especificamente, é o mais interessante no concernente ao conceito de letramento, visto que tem caráter eminentemente reflexivo e dinâmico, pois o leitor usa de seu intelecto para buscar a realidade do texto lido, e referindo-se à sua experiência pessoal através dessa busca, cria assim um ponto de vista em relação à própria história do texto, fazendo um elo com sua experiência de vida (MARTINS, 1992).

A educação básica no Brasil está dividida em Educação Infantil, Ensino Fundamental, e Ensino Médio, sendo o Ensino Fundamental, com um total de nove anos, dividido em dois ciclos: de primeiro a quinto ano (Ciclo I) e de sexto a nono ano (Ciclo II). No primeiro ciclo, o aluno é exposto ao seu primeiro contato com a leitura; entretanto, o foco deste trabalho será o segundo ciclo do ensino fundamental, mais precisamente o trabalho da disciplina de língua portuguesa do sexto ano de uma escola da rede municipal da cidade do Rio de Janeiro.

No Brasil, a responsabilidade de se ensinar a ler é da escola, dentre tantos outros objetivos. Ensinando indivíduos a ler, a escola forma cidadãos capazes de contribuir com a sociedade em que estão inseridos, e de refletir sobre a mesma. Embora talvez não se possa ensinar alguém a compreender algo (KLEIMAN, 1999), o professor, desde os primeiros anos do ensino fundamental, deve servir como orientador para ajudar o aluno a desenvolver seus próprios meios para chegar à interpretação e assimilação da mensagem obtida durante o ato da leitura (TEIXEIRA; MACHADO, 1993), atribuindo-lhe significação (MICHELETTI, 2000).

Muitas vezes, porém, percebe-se que alunos de variadas séries, sozinhos, não são capazes de interpretar e assimilar a mensagem do que é lido.

O objetivo geral deste trabalho é, através da noção de letramento discutida a seguir, entender se e como a gestão de uma escola da rede municipal da cidade do Rio de Janeiro está aliada à prática docente para o letramento. E, mais especificamente identificar o perfil dos profissionais envolvidos, apontar suas práticas com relação ao letramento e verificar como se dá a relação de professores e gestores a fim de se ter ou não sucesso na formação de alunos que possam ser considerados leitores plenos.

Para tanto, esta pesquisa de cunho qualitativo terá como instrumento de coleta de dados uma entrevista oral individual com cinco professoras e duas gestoras da rede municipal da cidade do Rio de Janeiro, feita durante o primeiro bimestre do ano de 2015.

Para fins de definição, explicar-se-ão a seguir os conceitos de alfabetização e letramento mais profundamente; mais adiante, apresentar-se-á o que é relativo à gestão para o letramento, e, por último, analisar-se-á o conteúdo das entrevistas com as professoras, a fim de que este seja relacionado à base teórica que fundamenta este trabalho.

2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Os conceitos de alfabetização e de letramento, apesar de distintos, se completam. O primeiro, primordialmente gramatical, diz respeito ao aprendizado dos signos (letras) para exercer com competência a habilidade da escrita e da leitura; o segundo, mais complexo, e ponto norteador deste trabalho, tem relação com os fatores sociais que envolvem tudo que a língua escrita pode proporcionar ao ser social que a utiliza (SOARES, 2004, p. 6).

O termo *letramento* começa a ser usado academicamente em meados dos anos 1980. Apesar de o termo *literacy* já existir em inglês e ser dicionarizado desde o século XIX, a concepção que o mesmo tinha era a de se ensinar e aprender o código linguístico e usá-lo de maneira competente. O conceito expresso por *letramento* vem a diferir do de *alfabetização* depois de estudos que englobaram a educação enquanto fenômeno social (LORENZET; GIROTTO, 2010).

Os estudos do letramento têm como objeto de conhecimento os aspectos e os impactos sociais do uso da língua escrita (KLEIMAN, 1995). Mais além, Freire (apud GADOTTI, p. 68) crê que os conceitos de letramento e alfabetização, e as características histórico-culturais de um grupo não podem ser dissociados no que se refere a aprendizado de língua. Para ele, “[...] o ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo, é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, seres fazedores, transformadores, que não apenas sabem, mas sabem que sabem”. (FREIRE, p. 60).

Freire defende a tese de que antes de o ser humano ser alfabetizado, ele já pode ser letrado, pois a leitura que faz do mundo, através das múltiplas sensações a que o mundo lhe expõe, já pode ser considerada uma espécie de letramento – nesse caso, não-alfabetizado, mas plenamente carregado de significação (FREIRE, p. 15).

Partindo desse ponto, acredita-se que o ser humano é, sim, um ser social, pois inserido na sociedade, parte dela para obter conhecimento, e através dessa obtenção, prepara-se para viver dentro dela – de maneira letrada.

A alfabetização e o letramento são processos complementares, inter-relacionados, não podendo ser dicotomizados. Quanto mais se entender a função social da linguagem, no uso da leitura e da escrita, mais alto será o nível de letramento (LORENZET; GIROTTO, 2010). Todavia, são conceitos distintos; elucidando a diferença básica entre as duas frentes, Kleiman afirma que:

A diferença entre ensinar uma prática e ensinar para que o aluno desenvolva uma competência ou habilidade não é mera questão terminológica. Na escola, onde predomina a concepção da leitura e da escrita como competências, concebe-se a atividade de ler e escrever como um conjunto de habilidades progressivamente desenvolvidas até se chegar a uma competência leitora e escritora ideal: a do usuário proficiente da língua escrita. Os estudos do letramento, por outro lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem. (2007, p. 2).

Soares (1999) afirma que o termo "letramento" surgiu diante da necessidade de se classificar a atividade oposta a "alfabetismo:" esta seria a habilidade de reconhecer signos e de reproduzi-los, ainda que o interlocutor não entenda o que se quer expressar; aquela, no entanto, estaria ligada diretamente ao conhecimento que alguém constrói por meio da leitura, o que pode ser obtido, segundo a autora, mesmo que o agente seja ignorante da habilidade da escrita e da leitura. Se alguém lê para essa pessoa, e se essa pessoa de alguma forma está em contato com o universo da língua escrita e participa dele, ela pode ser considerada "letrada," ainda que não seja "alfabetizada". (SOARES, 1999, p. 24).

A referida autora ainda postula que a diversidade cultural, social e política é imprescindível ao sucesso da prática do letramento. O aluno, por estar inserido num contexto social, não pode ignorar o que o rodeia quando este se põe a ler um texto. No contexto escolar, os alunos também estão expostos a vários estímulos, e

aliando-se à teoria das múltiplas inteligências descrita por Gama (2000), seria possível chegar ao resultado esperado através da

[...] articulação de conhecimentos e metodologias fundamentados em diferentes ciências e sua tradução em uma prática docente que integre as várias facetas, articulando a aquisição do sistema de escrita, que é favorecida por ensino direto, explícito e ordenado, aqui compreendido como sendo o processo de alfabetização, com o desenvolvimento de habilidades e comportamentos de uso competente da língua escrita nas práticas sociais de leitura e de escrita, aqui compreendido como sendo o processo de letramento. (SOARES, 2004, p. 100).

Para fins de uniformidade, considerar-se-ão as ideias de Soares como pontos norteadores para quando o conceito de letramento for citado neste artigo.

3. GESTÃO PARA O LETRAMENTO

A palavra *gestão* é um conceito usado na área de administração, definida como "a maneira de governar organizações ou parte delas. É o processo de planejar, organizar, dirigir e controlar o uso de recursos organizacionais para alcançar determinados objetivos de maneira eficiente e eficaz". (CHIAVENATO, 2000). Quando relacionada à educação pública, pode se referir a dois âmbitos: em uma visão macro, está ligada à máquina governante - o Estado propriamente dito - tendo como forças supremas a instituição Prefeitura e a Secretaria de Educação; já em uma visão micro, engloba a equipe diretiva de uma escola, geralmente formada por diretores (gerais e adjuntos) e coordenadores pedagógicos. Não obstante, os professores podem também fazer parte da gestão de uma escola quando nesta se faz presente o conceito de "gestão democrática". (LÜCK, 2000). Com isso, os professores passam a ter autonomia para trabalhar os conceitos que julgarem relevantes dentro do contexto em que a escola está inserida.

Ainda segundo Lück (2000, p. 29) o trabalho de gestão escolar "exige, pois, o exercício de múltiplas competências específicas e dos mais variados matizes (...)" visto que a gestão está ligada a todas as frentes de trabalho que ocorrem dentro de uma instituição escolar. Com isso, crê-se que o profissional gestor deve ter um olhar específico além de um olhar geral, pois precisa saber sobre todas as áreas em que sua gestão atua influenciando diretamente, cada uma em sua singularidade. (PARO, 2007).

No que se refere ao letramento, o aluno do ensino fundamental tem contato em diferentes níveis com a leitura e as habilidades linguísticas nos ciclos por que passa em sua caminhada escolar. O ensino de leitura deve formar um leitor autônomo e competente (FERREIRA; DIAS, 2002) fazendo com que ele reconheça e seja capaz

de usar o conhecimento disposto em cada nível, fazendo escolhas corretas dependendo do contexto em que esteja inserido. Portanto, faz-se necessário que a escola ofereça um ambiente propício à prática do letramento. Mais ainda, é preciso que haja possíveis ações que ajudem tanto os alunos devidamente letrados quanto aqueles que ainda não conseguiram chegar lá.

4. A PESQUISA: ENTREVISTAS

Num primeiro momento, cinco professoras de língua portuguesa de uma escola da rede municipal do Rio de Janeiro foram entrevistadas. Foram feitas perguntas sobre a formação das professoras, e sobre seu tempo de atuação no magistério e na rede. Além disso, perguntou-se se elas conheciam alguma legislação que embasasse tal prática nas aulas de língua portuguesa na rede. Mais especificamente, foi perguntado se elas conheciam o termo "letramento" e como o definiriam. Finalmente, foi perguntado como cada profissional lidava quando se deparava com alunos que não conseguiam ler.

Todas as professoras entrevistadas têm formação em letras, sendo duas com licenciatura para português e inglês, e três com formação para português e literatura. Uma delas também fez faculdade de matemática e ciências contábeis, com pós-graduação em gerência de recursos humanos, e duas têm especialização em língua portuguesa. Quanto ao tempo de experiência na rede municipal, todas elas trabalham há pelo menos cinco anos, tendo a mais experiente somado treze anos no total.

Nenhuma delas conhecia à época da entrevista qualquer lei que embasasse especificamente a prática de letramento na sala de aula na rede municipal. Porém, duas delas citaram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (9394/96) como fundamentação legal para suas práticas, visto que, segundo elas, a LDB visa a formação do cidadão, e para tanto, o indivíduo deve ser capaz de se apropriar de um texto corretamente, e dele produzir conhecimento, e, quando necessário, reproduzir este conhecimento através da escrita.

Quatro professoras regentes definiram letramento como sendo a prática de saber decodificar os símbolos, como dito nos "livros de pedagogia" [sic], mas que também

englobaria a consciência do aluno sobre os vários tipos de texto, e a maneira como o leitor se apropria de um texto, a fim de esmiuçá-lo e dele extrair sentido. Nesse caso, algumas delas ainda afirmaram que o letramento vai muito além do "simples ato de aprender a ler e a escrever." (sic) Apenas uma professora regente definiu letramento como o saber ler e escrever, pois tal conceito, para ela, tem a ver com o contato que o indivíduo tem com o mundo das letras, e não com o significado que elas carregam; por conseguinte, diferentemente das outras professoras entrevistadas, ela classificou como "alfabetização" a habilidade de ler um texto e se apropriar dele completamente: sentido e forma.

Duas professoras citaram Paulo Freire no que se refere à ideia de "leitura de mundo" (FREIRE, 2009), quando disseram que tentam aliar discussões de ideias e conceitos à prática da língua portuguesa em sala de aula. Uma das professoras salientou que o letramento, para os alunos de ensino fundamental, é o aprendizado de novas palavras - aumento da gama vocabular. Isso, segundo ela, pode ser conseguido, também, através de contato com o mundo exterior, através da leitura de rótulos, por exemplo. Elas afirmaram, ainda, que seu objetivo maior seria dar autonomia aos alunos para que eles pudessem "andar com as próprias pernas" (sic), ou seja, ser capazes de trabalhar acerca de um texto, ou de produzir material escrito com suas próprias ideias.

Sobre as práticas para o letramento, elas, em unanimidade, falaram da sala de leitura existente na escola em que trabalham, onde os alunos podem pegar livros emprestados, e onde também há alguns eventos pedagógicos para o estímulo à leitura, como contação de histórias e discussões (tertúlias) a respeito de livros variados. Falaram, também, do projeto "Escrevendo o Futuro," criado pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de um concurso de redações, em que alunos

da rede competem por meio de eliminatórias. Elas afirmaram ter participado pelo menos uma vez desta proposta; porém, não citaram qualquer material que utilizassem para a elaboração das redações, ou se houve qualquer retorno quanto aos resultados. Além disso, três delas comentaram das apostilas fornecidas para o ensino de língua portuguesa que são usadas na rede municipal: o material tem como base o ensino de interpretação de textos, mas com exercícios, segundo elas, pouco efetivos para a prática do letramento. Somado a isso, as professoras revelaram ter que preparar atividades variadas para obter os resultados desejados em sala de aula que se reflitam de maneira satisfatória no mundo extraclasse.

Entretanto, nenhuma delas diz ter preparação suficiente para lidar com alunos que chegam às séries do segundo ciclo do ensino fundamental com dificuldade em leitura e escrita. Elas apontam que os alunos apresentam vários graus de dificuldade relativos ao ato de ler: uns não conseguem entender o que se lê; outros não conseguem ler sequer uma palavra de um texto apresentado; outros conseguem identificar apenas uma ou outra palavra, mas não são capazes de englobá-la no contexto da leitura em questão.

Quando questionadas se buscavam apoio ou se trabalhavam em conjunto com a equipe gestora da escola, todas disseram que não; afirmaram, porém, que utilizam de meios próprios, como exercícios extras, e aulas de reforço extraclasse, mas que na maioria das vezes eles não surtem os resultados esperados, e as dificuldades dos alunos permanecem.

Num segundo momento, duas gestoras dessa mesma escola foram entrevistadas: a coordenadora pedagógica, com formação em Letras - português/inglês, pós-graduação em língua portuguesa, linguística e produção de texto, e mestrado em educação, e; a diretora adjunta, com formação em Letras -

português/literatura. A entrevista dessas gestoras teve como foco descobrir o que elas entendiam por letramento, se havia um controle do número de alunos letrados e não-letrados na escola, quais práticas os professores de língua portuguesa tinham em relação a essa questão, e quais ações elas propunham enquanto gestoras para ajudar os alunos com dificuldades.

Por letramento, as ideias das duas entrevistadas coadunam o pensamento de Soares (2004): uma pessoa letrada é capaz de reconhecer as estruturas de um texto, e dele extrair sentido.

Na escola em questão, há apenas séries do segundo ciclo do ensino fundamental - sexto ao nono ano. As gestoras disseram que no sexto ano, quando o aluno chega na escola e apresenta dificuldades de leitura e escrita, é aplicado um teste padrão da rede municipal do Rio de Janeiro que tem como objetivo diagnosticar se o aluno em questão sabe ler e escrever. Esse teste tem questões de múltipla escolha, e uma pequena redação. Com isso, conseguem-se dados para controle do número de alunos letrados que chegam ao segundo ciclo do ensino fundamental. Entretanto, a gestão assume não possuir um controle do número específico de alunos que não são letrados ao longo e ao final do segundo ciclo do ensino fundamental.

Ao mesmo tempo, a gestão não tem acesso direto à prática dos professores com relação ao letramento; assumem conhecer o currículo mínimo de cada disciplina, mas não têm controle de como os professores abordam os conteúdos em sala de aula, afirmando que todos são livres para aplicar suas próprias metodologias. Dessa forma, segundo elas, só conseguem propôr ações para alunos que não são letrados no momento em que os professores as procuram para expôr tal questão, o que, de acordo com elas, não é habitual.

Enquanto gestoras, elas entendem que é de extrema importância a preparação do aluno para o ato de leitura. A coordenadora pedagógica fez uma comparação da língua com um "guarda-roupa" e as várias "roupagens" que esse guarda-roupa reservaria para um texto: cada contexto se abriria a um tipo de texto diferente, e o aluno devidamente letrado seria capaz de discernir sobre as possibilidades existentes quando fosse elaborar ou reconhecer um texto. No entanto, reconhece a necessidade de se pensar nessa questão mais profundamente, por não ter o controle sobre o número de alunos aptos a tal.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na escola, a leitura pode estar presente em mais que apenas nas aulas de língua. Em qualquer disciplina em que se use um texto para a explicação da matéria, os alunos estão sendo expostos ao idioma e devem usar de suas habilidades linguísticas para decifrar a mensagem trazida no texto. O ato de ler, em si, portanto, pode ter inúmeras aplicações no campo acadêmico, bem como no social.

Observou-se que tanto as gestoras quanto as professoras entrevistadas possuem, de certa forma, uma noção de letramento, mesmo que um pouco confusa em certos momentos. Fica claro o discurso de que ler é muito mais que apenas decodificar os signos. Entretanto, no que diz respeito às práticas pedagógicas, percebe-se que as professoras não se sentem preparadas para enfrentar situações de "não-letramento" entre seus alunos, e nem buscam soluções para o mesmo.

No referente à gestão escolar, é possível perceber também falta de coerência no discurso, visto que as gestoras assumem a necessidade de se pensar no assunto, mas não propõem ações para tentar solucionar os problemas que as professoras apresentam, seja pela falta de conhecimento acerca do problema, seja pela falta de preparo. Os dados mostram, então, uma dificuldade em aliar teoria e prática, docência e gestão.

Para Lück (2000), as escolas atuais carecem de líderes atuantes, capazes de trabalhar em conjunto e de solucionar problemas de grupo, ajudando os colegas a identificar suas necessidades de capacitação e a adquirir as habilidades necessárias para uma determinada ação. Assim, faz-se necessário ao gestor que, em meio às dificuldades encontradas durante a jornada, se busque qualidade contínua para o avanço de melhores resultados da prática educativa. Todavia, torna-se crucial que se leve em consideração as situações que os cercam, e que se considerem

aspectos mal-sucedidos trabalhando-os, a fim de promover aprimoramento nas práticas pedagógicas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo principal entender a prática de letramento dentro de uma escola da rede municipal do Rio de Janeiro através de entrevistas com um grupo de cinco docentes e duas gestoras, conhecendo suas crenças e práticas, e procurando entender como estas se aplicam dentro da escola.

Os resultados obtidos oferecem evidências de que teoria e prática não andam em conjunto, mostrando que o processo de formação docente e de gestão precisam ser repensados, no sentido de proporcionar ao professor metodologias que os ajudem em sala de aula, e de oferecer aos gestores meios com os quais possam aliar-se aos professores para a busca do letramento pleno.

O ato de ler, que tem como definição básica decodificar os signos linguísticos (SAUSSURE, p. 80) a fim de se entender uma mensagem, é mais complexo que apenas esta definição; letrar-se é, mais completa e intensamente, ter a capacidade de ler e racionalizar o conteúdo lido, levando a significação do produto da leitura em consideração para o desenvolvimento do ser humano enquanto ser social. A leitura racional faz com que o ser humano se aproprie inteiramente do que ele adquiriu através da leitura sensorial (MARTINS, 1992), e através da leitura emocional ele pode ter autonomia para escolher o que mais lhe agrada, desenvolvendo senso crítico; juntando-se esses três níveis de leitura aqui descritos, engloba-se o conceito de letramento, cuja maior característica é fazer ler (alfabetizar) e entender o que se lê (letrar).

A escola, como local de aprendizagem, deve abrir espaço para a promoção da igualdade, englobando e tolerando a diferença, com uma educação transformadora e cidadã. A atividade da leitura está presente desde os anos iniciais da educação básica, e é levada para toda a vida. Assim, precisa-se trabalhar o letramento de

maneira a fascinar e encantar, despertando o imaginário e a subjetividade, para que os alunos ao longo da vida preservem seus hábitos de leitores e escritores, utilizando como função social sua capacidade de letrados. A sala de aula é um espaço de diversidade, para onde cada sujeito traz seu repertório, sua bagagem cognitiva; como letrar é uma tarefa complexa com níveis diferenciados, é necessário criar ambientes de interação privilegiando a riqueza das desigualdades, relacionando saberes entre professor e alunos, algo que só vem a somar à prática pedagógica relativa ao letramento.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Wilson R. C. **Língua e Linguagem**: as diferentes formas de expressão do ser humano. SOS Redação e Expressão. Vol. 1. São Paulo: Escala, 2004.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro e interação. Série Aula 1. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 2000. Disponível em: <www.se.df.gov.br/.../documentos/parametros_curriculares_nacionais/linguagens_codigos_e_suas_tecnologias.doc>. Acesso em: 4 ago. 2014.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

FERREIRA, S. P. A.; DIAS, M. G. B. B. A escola e o ensino da leitura. In: **Psicologia em Estudo**, 7(1), 2002. p. 39-49.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GADOTTI, Moacir. **Alfabetização e Letramento**: como negar nossa história. Disponível em: <<http://culturadigital.br/obvius/2010/07/2/alfabetizacao-e-letramento-como-negar-nosa-historia/>>. Acesso em: 2 set. 2014, 19h30min.

GAMA, Maria Clara S. Salgado. **A Teoria Das Inteligências Múltiplas e Suas Implicações Para Educação**. São Paulo: 2000. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=18>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

KLEIMAN, Angela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. **Os significados do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. 294p. (p. 15-61).

_____. **Texto e leitor**: Aspectos Cognitivos da Leitura. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. **O conceito de letramento e suas implicações para a alfabetização**. Projeto Temático Letramento do Professor. Campinas, fev. 2007. Disponível em: <<http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/LetramentoAngelaKleiman.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2014.

_____. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. in: **Signo**. v. 32 n 53, p. 1-25, Santa Cruz do Sul, dez, 2007. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/242>>. Acesso em: 12 out. 2014.

LORENZET, D.; GIROTTI, J. **A Alfabetização e Letramento na Prática Pedagógica**. 2010. Disponível em: http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_010/artigos/artigos_vivencias_10/p1.htm. Acesso em: 1 set. 2014.

LÜCK, Heloisa. **Perspectivas da gestão escolar e implicações quanto à formação de seus gestores**. aberto, Brasília, 17(72), 2000, p. 11-33. Disponível em: <http://lms.ead1.com.br/upload/biblioteca/curso4392/fron00lbi6.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2015.

MARTINS, Joel. Modelo de Planejamento Curricular. In: **Educação Brasileira Contemporânea: Organização e Funcionamento**. Walter E. Garcia (ed.) São Paulo: Editora MacGraw-Hill do Brasil, 1976.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. Coleção Primeiros Passos. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MICHELETTI, Guaraciaba. A leitura como construção do texto e construção do real. In: _____. **Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção**. Coleção aprender e ensinar com textos; v. 4. São Paulo: Cortez, 2000.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 5. ed. Coleção Passando a Limpo. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão Escolar, Democracia e Qualidade do Ensino**. São Paulo: Ática, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. Tradução de Antônio Chelini et al. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Ato de Ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Rev. Bras. Educ., Abr 2004, no. 25, p. 5-17. ISSN 1413-2478. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf/&sa=U&ei=F0-WUOPOoivPK78gBg&ved=0CDEQFjAF&usq=AFQjCNH1FnkSbp6dZZXp35z9zDVrmSYQw>. Acesso em: 29 ago. 2014.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica, 1999.

_____. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos**. Revista Pátio, ano VII, nº 29, fev./abr. 2004. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2014.

TEIXEIRA, Elson Adalberto; MACHADO, Andréa Monteiro de Barros. **Leitura dinâmica e memorização**. São Paulo: Makron Books, 1993.